



# A mulher e o imaginário medieval da maleficência feminina

Pedro Carlos Louzada Fonseca

Faculdade de Letras, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás, Campus II (Samambaia), Cx. Postal 131, 74001-970, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: [pfonseca@globo.com](mailto:pfonseca@globo.com)

**RESUMO.** O presente estudo apoia-se na constatação de que existe um sólido imaginário sobre a maleficência feminina lastreando toda a cultura medieval do Ocidente, cujas raízes encontram-se fincadas na Antiguidade Clássica e na tradição judaico-cristã. Com base nessa verificação, o estudo investiga certas formações e figuras do imaginário cultural medieval referente à questão do atributo de maleficências às mulheres e de sua natureza malsã e perversa quer na sua criação bíblica, quer na sua geração proposta pela Ciência Antiga. Não intencionando investigar especificamente os aspectos políticos e ideológicos dessa construção denegridora das mulheres, é objetivo deste estudo apresentar um repositório descritivo de aspectos fundamentais da naturalização negativa da figura feminina cultivada no imaginário da Idade Média, constituindo-se, finalmente, em um interessante estudo de cultura das ideias acerca das configurações desse atributo misógino em uma das suas mais ferrenhas expressões históricas – o período medieval. Partindo de pronunciamentos resgatados à tradição das *auctoritas*, o estudo faz uma anatomia crítica do feminino baseada na comparação de imagens e sugestões consoantes a uma retórica androcêntrica do imaginário do mal conformador de sua figura e realidade. Finalmente alcança o resultado esperado na perspectiva crítica que verifica que o modo e o ser do feminino têm sido uma constante construção cultural comprometida nos seus valores propostos, para os quais muito contribuíram o horizonte das ideias e o imaginário medievais. Dessa forma, e a suportarem o pejo da difamação, criaturas esdrúxulas como sereias, basiliscos, mulheres-serpentes, e mesmo demonizadas, como as bruxas, são as figuras, entre pitorescas e ideológicas desse imaginário do mal acerca do feminino na Idade Média.

**Palavras-chave:** mulher difamada; influência cultural; imaginário do mal; Idade Média.

## Woman and the Medieval Imaginary of the female Maleficence

**ABSTRACT.** The present study is based on the fact that there is a solid imaginary about the female maleficent underpinning the entire medieval culture of the West, whose roots are rooted in Classical Antiquity and the Judeo-Christian tradition. Based on this verification, the study investigates certain formations and figures of the medieval cultural imaginary regarding the attribute of maleficence to women and their unhealthy and perverse nature both in their biblical creation and in their generation proposed by Ancient Science. Not intending to specifically investigate the political and ideological aspects of this construction that denigrates women, the objective of this study is to present a descriptive repository of fundamental aspects of the negative naturalization of the female figure cultivated in the imagination of the Middle Ages, finally constituting an exciting study of the culture of ideas about the configurations of this misogynist attribute in one of its fiercest historical expressions – the Medieval Period. Starting from pronouncements rescued from the *auctoritas* tradition, the study makes critical anatomy of the feminine based on comparing images and suggestions consonant to androcentric rhetoric of the imaginary of the badly conforming of her figure and reality. Finally, it reaches the expected result in the critical perspective that verifies that the way and being of the feminine have been a constant cultural construction compromised in its proposed values, for which the horizon of medieval ideas and imaginary contributed a lot. In this way, and bearing the burden of defamation, bizarre creatures such as mermaids, basilisks, serpent-women, and even demonized ones, such as witches, are the figures, between picturesque and ideological, of this imaginary of evil about the feminine in the Middle Ages.

**Keywords:** woman defamed; culture influence; imaginary of evil; Middle Ages.

Received on October 21, 2022.

Accepted on July 27, 2023.

## Introdução\*

Na tradição sociocultural do Ocidente, o chamado discurso do poder sempre esteve relacionado com o engendramento de formações acerca do feminino nascidas e mantidas dentro dos modelos patriarcais construídos por ideologias e estratégias políticas androcêntricas. Essa lógica de uma categoria masculina dominante apresentou-se desde sempre incorporada por meio de um complexo sistema de binarismos hierárquicos que em grande parte torna-se excludente de paridades e autonomia do outro sexual subordinado, no caso em discussão, as mulheres.

Reconhecer essa estratégia é essencial para entender que esse modelo de paradigma hierárquico opera sob o signo da violência física ou simbólica, não se manifestando simplesmente, como comenta Cora Kaplan (1986), como puras formas binárias, uma vez que tal procedimento se apresenta ordenado e fragmentado por outros termos sociais e culturais, outras categorias de diferença. Portanto, essas categorias de diferença podem perfeitamente incluir qualquer combinação de classe, raça, idade e história particular da sexualidade e obscurecendo e legitimando, no dizer de Catherine Mackinnon (1987), a forma como o gênero é imposto pela força.

Essa condição de superimposição de valores do androcentrismo nas formações ideológicas e políticas acerca da mulher e do feminino perpassa a tradição histórica das sociedades que agenciam essa sobredeterminação, especialmente as de origem cultural fincadas na tradição religiosa judaico-cristã.

A correspondência no imaginário dessa tradição na construção das relações de gênero torna-se, nessas condições, inarredável, desembocando na formação compósita do feminino como realidade do desastre maleficiente, realidade essa necessitada de controle e dominação, situação que recrudescer de maneira especial na Idade Média Ocidental. Nesse âmbito, as construções simbólicas e figurativas constituem um poderoso tratamento discursivo, configurando a mulher como adversa às intenções da realidade masculina, desde sua representação de Pandora ou Eva no mundo pagão e judaico-cristão, respectivamente. Especialmente determinante nesse último caso foram as contribuições da Patrística e do seu legado medieval, cuja derrogação e obsessões misóginas adquiriram grande força nas configurações do feminino, desde os seus mais arcanos avatares, como as sereias homéricas e as bruxas endemoniadas do final do período medieval e da adventícia era moderna.

## A mulher e suas configurações

### Gênero, Gênesis, etimologia e misoginia

A existência de um solidificado discurso do gênero forjador do feminino na visão dos Padres da Igreja e de seu legado medieval é uma premissa tão sustentável quanto a da própria relação entre gênero, sociedade e ideologia mencionada na Introdução deste artigo. Que a visão patrística binária sobre o gênero seja fortemente marcada por atitudes misóginas carregadas de ideologias decisivas e ordem política comprometida é o que R. Howard Bloch (1995) parece ter identificado como redundante ao descrever e identificar a misoginia da Idade Média como 'medieval'. De fato, é perfeitamente verificável que uma forte correspondência biunívoca liga o significado desses dois termos no período.

Além disso, não parece muito visionário considerar que na tradição judaico-cristã, a ideologia da misoginia tenha nascido com a própria criação do mundo e da humanidade, com base nas Sagradas Escrituras. Além disso, parece que a pedra angular dessa ideologia misógina parte de um essencialismo de natureza verbal em que a palavra correspondesse ao significado vocabular íntimo da coisa, à sua raiz ou étimo. Estigmatizadas ou não, este é o contexto em que as mulheres foram nomeadas 'mulheres' para sempre.

No domínio das relações de gênero, essa noção essencialista de Criação marcou o princípio da sabedoria etimológica no episódio bíblico da legitimação do poder de Adão nomear os animais atribuído por Deus. Adão é uma espécie de auxiliar divino na criação do mundo, incluindo a mulher. Portanto, a supremacia do homem sempre foi o motivo da subserviência das mulheres. Essa premissa talvez seja um dos temas mais glosados da Bíblia e da exegese misógina: como construir a hermenêutica da obediência feminina segundo os modos do patriarcado de ascendência religiosa e cultural judaico-cristã?

---

\* Este artigo é uma súmula temática baseado em estudo anterior sobre o assunto abordado em livro do autor intitulado *Literary Misogyny and Praise of Women in the Middle Ages* (2022).

## A tropologia da feminização e o androcentrismo

O repertório tropológico desse discurso patriarcal é bastante variável. No entanto, também é binário e hierárquico em sua política de execução. É por isso que esse discurso equilibra precariamente a euforia e a disforia das presenças femininas consideradas ambivalentemente segundo projetos ideológicos. Deste modo, a mulher oscila desde a sua criação, do início de sua existência até a sua participação na história da Família Sagrada, mantendo um equilíbrio precário, entre Eva, a mulher má, e Ave Maria, a boa mulher. Bloch (1995) ironicamente chama esse equilíbrio precário de *paradox of perfection* (paradoxo da perfeição). No entanto, torna-se interessante notar, no âmbito dessa reflexão, que ambos os lados desse instável equilíbrio são igualmente ideológicos.

No imaginário da Idade Média, o lado triunfalista dessa visão bifocal do engendramento feminino encontra-se representado, entre outras modalidades de narrativas, na frutífera tradição da literatura de viagem, a exemplo de João Mandeville (1953), Marco Polo (1824) e Odorico de Pordenone (1891) no século XIV. Neles, a personagem cumpre, de acordo com a ética do *homo viator*, sua intenção desbravadora por meio do tropo da feminização das geografias periféricas. Esse é apenas um dos processos desse discurso ocidental colonizador e dominante estudado por Edward W. Said (1979).

## Ética medieval, femifobia e androcentrismo moderno

A bem da verdade, os benefícios utópicos do engendramento do feminino, como mencionado acima, nem sempre foram historicamente alcançados sem adversidades e dificuldades, situação que, não raras vezes, servia mesmo como uma verdadeira emulação de valores. Isso porque, desde sempre para a ética da lógica masculina nota-se que, numa conquista difícil, quanto mais se põe em perigo o mérito androcêntrico, mais se aumenta o sentido heroico de vitória. Esse motivo de provação é bem tratado em *La Salade*, de Antoine de la Sale (1935-1945), na conquista do paraíso feminino da rainha Sibila situado em longínquos pontos dos Apeninos.

Mircea Eliade (1969) confere a esse tipo de rito de iniciação o nome genérico de *Simplegades*. Por se apresentarem sempre como obstáculos na forma de peças entrelaçadas, lembravam aos medievais a figura da *vagina dentata*, porta de entrada para o útero da Mãe Terra, lugar ambíguo de morte e prazer. De acordo com Barbara G. Walker (1988, p. 328, tradução nossa)<sup>1</sup>:

O cristianismo medieval fez da vagina uma metáfora para o portão do inferno e reviveu a antiga imagem indutora de medo da vagina dentada que poderia arrancar o pênis de um homem. Por outro lado, os homens sempre desejaram, e às vezes até tentaram apropriar-se, das funções de transmissão de vida e de prazer da vagina.

Katherine M. Rogers (1966) reconhece, nesse contexto de perpetuação dos preconceitos contra as mulheres, a força da erudição e do saber eruditos que alimentaram a cultura e a sabedoria da Idade Média, ocorrendo em grande parte pela influência peculiar das chamadas *auctoritas*. Assim, a história da misoginia e sua correlação femifóbica podem ser apresentadas não apenas como formações típicas da cultura judaico-cristã da Idade Média, mas também como construções enraizadas nos achados da Antiguidade Clássica, pois os homens medievais, com seu amor às autoridades e exemplos antigos, buscaram, de forma semelhante, influências e propriedades ideológicas, tanto do repositório clássico da misoginia, a exemplo de Aristóteles e seus seguidores, Ovídio e Juvenal, quanto da Bíblia e dos Pais da Igreja e de seu legado medieval.

No início dos tempos modernos, nem mesmo o sopro de renovação do humanismo renascentista conseguiu substituir o que o cristianismo medieval havia estabelecido em relação à visão depreciativa e caluniosa da figura feminina. Com efeito, humanismo e cristianismo, principalmente em países de forte tradição católica, formaram uma espécie de conluio ideológico, em que o verdadeiro humanismo seria aquele representado pela figura de um homem, como Cristo, e não pela imagem de uma mulher, tal como a Virgem Maria.

Louise Labé (1955) analisa as aberturas aparentemente humanistas do Renascimento em relação às mulheres. Ela diz que esse humanismo, apesar de ter superado crenças e preconceitos poderosos, pouco fez pela situação das mulheres. A ambiguidade e o conflito foram marcas de um tempo que luta contra resistências internas às novas e primeiras concepções do mundo moderno, que parecem propor as premissas da emancipação das mulheres, e ao mesmo tempo abandoná-las em uma sala de espera, oscilando entre um mundo fechado.

<sup>1</sup> No original: "Medieval Christianity made the vagina a metaphor for the gate of hell and revived the ancient fear-inducing image of the toothed vagina that could bite off a man's penis. On the other hand, men have always desired, and sometimes even tried to appropriate for themselves, the life-transmitting and pleasure-providing functions of the vagina".

Simone de Beauvoir (2009), comentando sobre o assunto, condensa toda a tradicional postura misógina estabelecida pelos doutores da Igreja, ao dizer que com São Paulo, a tradição judaico-cristã fora ferozmente misógina:

São Paulo ordena autoanulação e reserva das mulheres; ele baseia o princípio da subordinação da mulher ao homem no Antigo e no Novo Testamento. 'O homem não é da mulher; mas a mulher do homem'; e 'Nem o homem foi criado para a mulher; mas a mulher para o homem'. E em outro lugar: 'Pois o marido é a cabeça da esposa, assim como Cristo é a cabeça da Igreja'. Em uma religião onde a carne é amaldiçoada, a mulher se torna a tentação mais temível do diabo. Tertuliano escreve: 'Mulher! Você é a porta do diabo. Você convenceu aquele que o diabo não ousou confrontar diretamente. É sua culpa que o Filho de Deus teve que morrer. Você deve sempre se vestir de luto e trapos'. Santo Ambrósio: 'Adão foi levado ao pecado por Eva e não Eva por Adão. É certo e justo que aquele a quem ela induziu ao pecado, ela o receba como mestre'. E São João Crisóstomo: 'De todos os animais selvagens, nenhum pode ser encontrado tão prejudicial quanto a mulher'. Quando o direito canônico é escrito no século IV, o casamento é tratado como uma concessão às falhas humanas, incompatível com a perfeição cristã. 'Pegue o machado e corte as raízes da árvore estéril do casamento', escreve São Jerônimo. No tempo de Gregório VI, quando o celibato foi imposto aos padres, o caráter perigoso da mulher foi mais duramente afirmado: todos os Padres da Igreja proclamam sua miséria. Santo Tomás permanecerá fiel a esta tradição, declarando que a mulher é apenas um ser 'ocasional' e incompleto, uma espécie de homem fracassado. 'O homem é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça do homem', escreve ele. 'É uma constante que a mulher está destinada a viver sob a autoridade do homem e não tem autoridade própria' (Beauvoir, 2009, p. 133-134, tradução nossa, grifo da autora)<sup>2</sup>.

### A mulher como 'homem imperfeito'

Um dos aspectos mais temidos da natureza feminina era ancestralmente atribuído à sua disposição natural e incontinente para os apetites do corpo, expressos ao máximo pelo desejo lascivo da carne, entendido como comprometedor da integridade moral e espiritual dos homens. Este é o motor do Pecado Original introduzido no mundo pelo vício da soberba gula de Eva que, em desobediência a Deus, comeu do fruto proibido no Jardim do Éden. Portanto, faz todo o sentido dizer que a mulher está sujeita ao pecado devido à sua imperfeição natural desde a sua criação. No entanto, o senso de imperfeição da mulher medieval não é o mesmo de sua contraparte clássica. A moralidade e o tratamento filosófico têm diferentes departamentos de investigação nesses períodos. A mentalidade medieval, em diferentes setores de seu pensamento, tratava as mulheres com uma tendência reducionista advinda de dogmatismos do pensamento religioso. Essa ideologia medieval soube bem cristianizar a *auctoritas* do mundo clássico de forma ideológica e política exemplar.

### Matéria e Forma na geração

Um dos *topoi* que mais se aproximam desse sentido de 'imperfeição' teológica feminina da tradição bíblica é o pseudocientismo aristotélico fundamentado na noção de Matéria *versus* Forma, tornando bastante interessante rever essa noção seminal tão apreciada pelo pensamento patriarcal da Idade Média. Aristóteles (384-322 a. C.) (Aristotle, 1943, IV, I, 766b)<sup>3</sup> concebia a perfeição masculina como sendo centrada na ideia de Forma em combate com a Matéria, prerrogativa do feminino. Em *De generatione animalium* (Geração dos Animais), o filósofo grego, engajado em estudos de fisiologia, estabeleceu que animais e seres humanos são o resultado de uma luta interativa entre Forma e Matéria. Cabe ao macho iniciar o processo de reprodução, pois ele é a Causa Eficiente. Também característico desse princípio masculino é que ele é uma Causa Formal, ou seja, faz a direção seguida pelo processo. Todos os seres seriam essencialmente marcados por esse princípio, que atua sobre a Matéria, que por sua natureza é feminina. O princípio masculino é identificado com o sêmen masculino, e a Matéria é o resíduo feminino, substância associada ao sangue menstrual.

Na interação verificada entre Forma e Matéria, comenta Aristóteles (I, xx. 728a) que se o princípio masculino vencesse, o embrião masculino teria sua origem. Caso contrário, permaneceria como Matéria ou seria destruído. O cenário da primazia da Matéria seria um afastamento do ideal masculino, e quanto maior o

<sup>2</sup> No original: "St. Paul commands self-effacement and reserve from women; he bases the principle of subordination of women to man on the Old and New Testaments. 'The man is not of the woman; but the woman of the man'; and 'Neither was man created for the woman; but the woman for the man'. And elsewhere: 'For the husband is the head of the wife, even as Christ is the head of the Church'. In a religion where the flesh is cursed, the woman becomes the devil's most fearsome temptation. Tertullian writes: 'Woman! You are the devil's gateway. You have convinced the one the devil did not dare to confront directly. It is your fault that God's Son had to die. You should always dress in mourning and rags'. St. Ambrose: 'Adam was led to sin by Eve and not Eve by Adam. It is right and just that he whom she led into sin, she shall receive as master'. And St. John Chrysostom: 'Of all the wild animals, none can be found as harmful as woman'. When canon law is written in the fourth century, marriage is treated as a concession to human failings, incompatible with Christian perfection'. Take up the hatchet and cut the roots of the sterile tree of marriage", writes St. Jerome. In the time of Gregory VI, when celibacy was imposed on priests, woman's dangerous character was more harshly asserted: all the Fathers of the Church proclaim her wretchedness. St. Thomas will remain true to this tradition, declaring that woman is only an 'occasional' and incomplete being, a sort of failed man. 'Man is the head of woman just as Christ is the head of man', he writes. 'It is a constant that woman is destined to live under the authority of man and has no authority of her own'".

<sup>3</sup> Aristotle, *Generation of Animals* (A. L. Peck, Trad.). London: Heinemann; Cambridge, MA: Harvard University Press. Nesta e nas referências a seguir, somente os livros e seções da obra serão referidas.

afastamento, maior a imperfeição que, em casos extremos, podia até não ter aparência humana, revelando-se como um monstro. Portanto, seguindo esse raciocínio aristotélico, a mulher estaria a meio caminho de uma natureza tão monstruosa devido à sua imperfeição em relação ao homem.

### Monstruosidade bestiária feminina

Essa imperfeição feminina, caminho aberto para a monstruosidade por sua dessemelhança do ideal ou norma masculina, foi qualificada como esterilidade ou castração, sendo, nesse sentido, à ideia de monstruosidade incluindo, entre outras, anomalias e mutilações. Apesar dessa discrepância comentada acerca do feminino, segundo Aristóteles (IV, iii, 769a), ela é uma necessidade natural para a continuidade da vida na ordem natural das coisas divinamente criadas.

A percepção monstruosa e destrutiva do feminino fez-se parte fundamental das mais antigas cosmogonias míticas. Foi, no entanto, no período medieval, principalmente próximo ao seu fim, que essa percepção aumentou seu repertório ilustrativo com a agregação de motivos demonológicos.

### Sereia

Um exemplo clássico dessa percepção monstruosa e destrutiva do feminino é o caso das sereias. O bestiário medieval (White, 1984) as retratava como monstros híbridos, criaturas mortíferas, metade mulher e metade pássaro que, adormecendo os marinheiros com suas canções melodiosas, os atacavam e despedaçavam. A moralização em relação a essas híbridas figuras femininas as qualificava como possuidoras de belas vozes, que enganavam os ignorantes e incautos, que se deixavam levar por ostentação, prazeres e licenciosidade, fazendo-os perder seu vigor mental, deixando-os à mercê de ataques do Inimigo (ou seja, o Diabo). Portanto, a metáfora da mulher-sereia aqui identifica atributos complementares à depreciação do feminino na perspectiva misógina medieval quando seu poder destrutivo e sedutor operou por meio da máscara sediciosamente enganosa da beleza e do prazer.

A partir do século XIII, em um período que coincide com o florescente apogeu dos bestiários medievais, a sereia tornou-se um símbolo do amor maligno. Brunetto Latini (1220-1294) foi o responsável por essa tradução, misturando duas tradições lendárias: a do pássaro-sereia greco-romana e a da tradição celta. Como Santo Isidoro de Sevilha, no século VII, Latini (1951) chamou a sereia de *meretrix* (prostituta), abrindo caminho para várias elaborações figurativas. Latini diz que, segundo a história, as sereias tinham asas e unhas para representar o Amor, volátil e feroz. Elas viviam nas águas do prazer como prostitutas, pintando seu amor com vergonha e luxúria. Além disso, a luxúria, aqui resgatando o arquétipo feminino de origem ancestral, era considerada feita de umidade, estado-princípio da lubricidade.

### Basilisco

Se a sereia seduzia pela malícia fatal de seu canto, não menos sedutoramente destrutivo era considerado o olhar feminino em geral que, associado à imaginação fértil e licenciosa da mulher, podia destruir o homem ou mesmo corromper sua semente fecundante, gerando criaturas adversas. Embora o bestiário não se refira diretamente aos poderes maléficos do olho feminino, acredita-se que uma criatura fabulosa, nele retratada, poderia servir de exemplo dessa malignidade: era o basilisco que, sendo um híbrido de galo com cauda de cobra, era capaz de matar um homem simplesmente olhando para ele.

### Serpente

O componente feminino desta propriedade de basilisco foi, todavia, encontrado na cobra que se harmoniza com Eva devido à sua vulnerabilidade natural à sedução e ao engano. Como sereias com cauda de peixe, as mulheres-serpentes entraram no imaginário medieval, alimentando a tradição e os contos folclóricos por muitos séculos. Um exemplo disso é a lenda de Melusina que apareceu pela primeira vez na literatura românica com Jean d'Arras em *Le noble histoire de Lusignan*, escrito por volta de 1392-1393. No entanto, o tema é anterior a essa história, remontando a Gervase de Tilbury (c. 1150-c. 1228) e Vicente de Beauvais (c. 1190-c. 1264).

A visão maléfica da mulher-cobra está claramente exposta em Santo Isidoro de Sevilha, autor de uma das mais influentes fontes enciclopédicas do saber e do imaginário medievais. Em *Etymologiae* (Sevilha, 1982-1983), datadas do século VII, ao comentar, ainda que com ceticismo, sobre os fabulosos portentos humanos,

Santo Isidoro refere-se às Górgonas como meretrizes, cujos cabelos eram de serpentes e transformavam em pedra quem as olhava. Elas eram dotadas de um único olho, que era comum a todas. Na verdade, eram três irmãs de uma beleza extraordinária única, e um único olhar, feito de tal maneira que as pessoas que as contemplavam e admiravam, poderiam dar a impressão de que tinham sido transformadas em pedra, estarrecidas que ficavam.

Santo Isidoro de Sevilha, logo após este comentário sobre as Górgonas, tratou das sereias e, desmistificando a tradição, disse que esses dois tipos de criaturas nada mais eram do que meretrizes, cuja fama as colocara no domínio do fabuloso. Apesar do esforço de racionalização do santo, suas considerações sobre o mal que poderia ser representado pelo quadro sedutor do olhar feminino dirigido ao homem incauto de seus perigos não ficaram isentos de conotações misóginas.

### **Sangue menstrual e demonologia persecutória do feminino**

Não fosse tão perigosa a presença e companhia femininas, como interpretar aquele comentário extremamente depreciativo sobre a menstruação, o sangue menstrual, que pelo simples contato poderia corromper, segundo as crenças, ervas e frutas; desgastar o ferro; escurecer o bronze; dissolver o betume e deixar os cachorros loucos? (Sevilha, 1982-1983). Aqui, a natureza feminina não comprometia simplesmente o homem; atingia também dimensões mais amplas do mundo natural. Mesmo o terrível o basilisco, nesse repertório misógino, havia sido associado ao sangue menstrual, com a crença comum de que essa besta poderia nascer do cabelo de uma mulher em menstruação, enterrado no solo (Walker, 1988).

Enquanto o bestiário não fazia um tratamento demonológico de bestas e monstros considerados em sua natureza feminina, visando mais a um propósito edificante e catequético por meio de suas metáforas e alegorias moralizantes, o mesmo não ocorria com certo tipo de literatura censória e inquisitorial, fabulosa ou paracientífica, que surgiu no final da Idade Média. Um exame da derrogação misógina, guiado por uma visão animalizadora do feminino no período medieval, não estaria completo se não terminasse com a monstruosidade demonológica das mulheres. Perseguidas, condenadas e aniquiladas, as mulheres foram tema e pretexto para a mais terrível ficção histórica da mentalidade masculina jamais existente na cultura ocidental, ou seja, a caça e o extermínio de bruxas, que ocorreu em proporções gigantescas a partir do século XV em diante, encampando, paradoxalmente, os avanços racionalistas e científico do princípio dos tempos modernos.

### **Monstruosidade demonológica do feminino**

Dada a vastidão do tema, cujo campo de investigação extrapola os limites deste estudo, o que se pretende no momento é apenas um apanhado de alguns posicionamentos a respeito da lógica da demonização da mulher no processo de torná-la monstruosa no final da era medieval. Em linhas gerais, percebe-se que o *corpus* a servir de base para delinear a noção de monstruosidade na Idade Média também é igualmente muito vasto. Além de narrativas de viagem, contos, mitos, lendas e textos literários, o assunto se estende a obras de cosmografia, tratados didáticos (como os de Solino (século III) e de Santo Isidoro de Sevilha, por exemplo), tratados zoológicos ou de história pseudo-natural (como o famoso *Physiologus* do qual, além de suas numerosas versões em várias línguas, derivaram os conhecidos bestiários medievais), resumos enciclopédicos (como os de Alberto Magno (1193/1206-1280), Vicente de Beauvais (c. 1190-c. 1264), Tomás de Cantimpré (1201-1272) e Bartholomeus Anglicus (c. 1203-1272), entre outros), resumos teológicos (como o de São Tomás de Aquino, 1225-1274), várias crônicas e muito mais. Além disso, é nesse *corpus* geral que se localizam importantes referências e passagens que trataram das mulheres na forma de monstros.

### **O *Malleus mafeficarum* na caça às bruxas**

Fazendo parte essencial dessa verdadeira biblioteca referente à demonização da mulher na Idade Média, o conhecido *Malleus maleficarum* (Martelo das bruxas) – um dos primeiros manuais da Inquisição (escrito em 1484, por encomenda papal por Heinrich Kramer e Jacob Sprenger (1973) – deve ser considerado uma obra de máxima referência.

Dentre os vários processos pelos quais se deu a transformação das mulheres em monstros, talvez o mais importante deles tenham sido as metamorfoses, fenômenos prodigiosos que mais tinham afinidade com a monstruosidade. Especialmente no final da Idade Média, espalhou-se a crença de que o diabo transmitia às mulheres, transformadas em bruxa, o poder de metamorfosear não apenas a si mesmas, mas também outros

seres vivos ao seu alcance. Nesse contexto, o *Malleus maleficarum* foi um excelente tratado demonológico, o primeiro do gênero, e extremamente caracterizado por sua misoginia. O tratado ficou famoso por propor teses e hipóteses muito refinadas e tendenciosas sobre o assunto, resolvendo questões de feitiçaria de forma muito emaranhada e complicada por meio de argumentos contendo grande manipulação e efeitos retóricos.

No entanto, antes do surgimento do *Malleus maleficarum*, algumas posições ideológicas e imaginárias da Idade Média já vislumbravam as mulheres relacionadas à magia e ao xamanismo. Tais posturas foram naturalmente herdadas pelo cristianismo da tradição de várias civilizações antigas. Nessa tradição, o princípio feminino foi delineado com segredos e mistérios próprios das cosmologias e cosmogonias pagãs sobre as concepções matriarcais sobre a origem natural e o destino da vida. Se tais visões não podiam ser devidamente classificadas como pertencentes ao imaginário demonológico, como se manifestou no final da Idade Média, porém, não lhes faltavam ingredientes maliciosos e suspeitos para a derrogação do feminino. Dentre esses ingredientes, de forma incipiente, já haviam aparecido certas considerações demoníacas sobre as mulheres em uma supersticiosa Europa medieval influenciada por relatos de viajantes ao Oriente, ocorridos a partir dos séculos XII e XIII.

### ***Incubus e succubus no consórcio demoníaco***

De acordo com a doutrina religiosa estabelecida pela tradição judaico-cristã, embora os demônios não fossem permitidos por Deus gerarem diretamente descendentes entre os humanos, eles recorreram a um método astuto, muito característico de sua natureza enganosa e pérfida. Os demônios coletavam o sêmen de um homem, tornando-se súcubos, e o passavam para uma mulher como incubos. É o que expõe, de forma institucionalizada, o *Malleus maleficarum* ao tratar do assunto, falando de uma lista de seres monstruosos de diversas origens, oriundos da paternidade de silvanos e faunos. Tais criaturas, comumente chamadas de incubos, foram confirmadas e testemunhadas por pessoas confiáveis, o *Malleus maleficarum*, mais especificamente na Questão III da Parte I, resolve categoricamente essa questão da procriação de seres humanos por demônios incubos e súcubos, dizendo que a resposta afirmativa era de credo católico e que a negativa era contrária não só às palavras dos santos, mas também da Sagrada Escritura. Portanto, para chegar a essa conclusão, baseou-se em pressupostos bíblicos, pronunciamentos de santos doutores da Igreja como Santo Agostinho (354-430), e muitas outras autoridades eruditas como Guillaume d'Auvergne (1190-1249) e Tomás de Cantimpré (1201-1272) (Lascault, 1973).

### **Maleficências da imaginação feminina**

Se o diabo podia seduzir ambos os sexos, transformando-se em súcubo para o homem e incubo para a mulher, para obter sua monstruosa e infernal descendência, era à mulher, todavia, que se atribuíam maior falibilidade nesse terreno fecundador. O poder natural da imaginação feminina era considerado incontrolavelmente disperso e fantasioso, se não histérico. Era considerado capaz de gerar anomalias e monstros, mesmo sem o conhecimento da consciência, por uma espécie de conexão entre elementos diferentes e misturados. Para defender esse julgamento atribuído ao poder da imaginação feminina, os comentaristas recorreram à autoridade bíblica, encontrando respaldo no Gênesis na passagem sobre Jacó e a reprodução do rebanho de seu tio Labão. Jacopo da Varazze (1926), no século XIII, retoma, em um de seus sermões sobre os estigmas de São Francisco de Assis, esse episódio bíblico que discutiu, com suprema força de autoridade, a questão da inter-relação entre visão, imaginação e corpo, glosadas pelo pensamento medieval, principalmente em referência às mulheres.

Nessa passagem, a Sagrada Escritura não comenta sobre quaisquer interferências do poder maligno no ato de conceber a criança ou rebento. No entanto, o mesmo não acontece com um comentário análogo feito por Santo Agostinho em *De civitate Dei* (A cidade de Deus) sobre a reprodução da prole do famoso boi Apis, mencionado por Varrão.

O efeito da visão e da imaginação sobre o corpo constituiu uma hipótese para Santo Agostinho discutir os usos dos demônios para enganarem os homens por meio de fantasmas (*phantasia*), dando origem a excrescências noturnas. Com Santo Agostinho, é evidente que o poder da imaginação feminina tornou-se suscetível de ser usado pelo diabo para suas criações ardilosas, contrariando os procedimentos normais instituídos por Deus na natureza, gerando as mais hediondas criaturas e fenômenos teratológicos. O poder da imaginação feminina e sua interferência nas condições de formação e nascimento do feto, reconhecidos desde a Antiguidade, foi assunto retomado por Ambroise Paré (1510-1590), inveterado e fértil criador de monstros

do século XVI. Paré (1971) dedicou o capítulo IX de *De monstres et prodiges* (Dos monstros e prodígios) ao imaginário das mulheres prodigiosas que se engravidavam.

No final da Idade Média e início dos tempos modernos, experiências mais concretas começaram a ousar investigar o corpo humano. No entanto, é apenas aparentemente surpreendente que tenha sido a partir do século XV a ocorrência de uma nova onda de demonização do corpo feminino. Uma explicação relativa para esse recrudescimento diferenciado poderia considerar o medo político da secularização que ocorreu no final da Idade Média. Por meio de uma analogia bastante considerada nos estudos teratológicos, esse fenômeno também ocorre se não for desconsiderada a antiga sobredeterminação existente entre o demoníaco, o monstruoso e a mulher.

A velha ideia, corrente nos longos séculos medievais, de que o monstro tinha uma realidade cosmológica e natural, habitando partes remotas e distantes do globo, deu lugar a uma concepção crescente de sua existência como um fenômeno individual, mais localizado histórica e geograficamente. As criações prodigiosas do final da Idade Média foram resultado das interferências de monstros para significarem circunstâncias e realidades atuais e da época, falando em nome de Deus ou se deixando governar por seu rival, o diabo.

Nesse amálgama do monstruoso com o diabólico, a mulher *ab origine* 'deformada' desde sua criação no Jardim do Éden pelo pecado do orgulho combinado com a vaidade, havia se torna vítima ou consorte, tal como a bruxa, do Inimigo do Inferno. Esse pecado feminino encontra-se, num misto de misoginia e moralização, numa enorme e rica quantidade de ilustrações do final da Idade Média. Uma dessas ilustrações, bastante exemplar por sua riqueza de detalhes, é a apresentada por Sebastian Brant (1913) (1458-1521) em *Das Narrenschiff ad Narragoniam* (Navio dos tolos). A gravura mostra uma mulher cheia de si, bem vestida, olhando-se no espelho (Figura 1). Ela está sentada em uma vara dividida como um garfo, segurada por um demônio na forma de um pássaro hediondo com garras de presa. Sob a mulher, a gravura mostra uma grade, debaixo da qual estão desenhadas as chamas do inferno.



**Figura 1.** Demonologização do feminino. Essa tropologia está aqui representada pelo pecado da vaidade.

Fonte: Sebastian Brant (1913) (1457-1521). *Das Narrenschiff ad Narragoniam* (A barca dos tolos) (1494). Impresso por Johann von Bergmann. Produzido na Basileia, Suíça.

Do ponto de vista da percepção medieval, a representação não poderia ser mais evidente. As mulheres vaidosas e orgulhosas que se afastaram do caminho da virtude representavam presas fáceis da luxúria e hipocrisia, como prostitutas, sempre perseguidas por uma monstruosa besta infernal. Portanto, o caminho da vaidade para a excitação da luxúria no campo teratológico era amplamente direcionado para o demoníaco na cultura religiosa medieval.



## Diabolização e monstrosidade da libido feminina

Se é verdade que os demônios masculinos e andróginos também serviam para representar a luxúria medieval, foram, no entanto, os demônios femininos que pareceram ter tido mais representatividade na simbolização do demoníaco além do animalesco e monstruoso, particularmente a cobra. Desta forma, as mulheres medievais tornaram-se potencialmente diabólicas. Eles tinham condições genealógicas para descer à feitiçaria, praticando, em si e nos outros, operações monstruosas auxiliadas pelo Inimigo do Inferno. Nesse amálgama semântico, em se tratando de uma mulher minimamente estranha, ela poderia ser facilmente empurrada para o monstruoso e este, por sua vez, ao demoníaco, e a correspondência podia ser lida em qualquer direção da equação.

A visão medieval de que havia uma propensão natural feminina para o libidinoso correspondia à representação da sexualidade da mulher ligada à monstrosidade. No entanto, é preciso ressaltar que a sexualidade feminina nem sempre supôs, no pensamento antigo, a monstrosidade considerada em seu lado malévolo. Alguns dos muitos exemplos presentes nas mais diversas mitologias mostram que várias divindades femininas, inclusive deusas-mães associadas à fertilidade, eram representadas com feições monstruosas. Exemplos não precisamente monstruosos em seu corpo, mas intimamente relacionados ao teratológico são Elêusis e a Grande Mãe, cujo rito, celebrando seus mistérios, indicava a união mística com a serpente, símbolo que, nas culturas paleo-oriental e mediterrânea, substituiu o falo (Durand, 1969).

No cristianismo, essas figuras deixaram de significar a força criadora da natureza expressada na combinação dos princípios feminino e masculino para indicarem a sexualidade monstruosa relacionada apenas com o lado malévolo da luxúria feminina e da libido associada ao demoníaco. Este é o caso do dragão de sete cabeças do Livro do Apocalipse (2, 1-17), a antiga serpente, diabo ou Satanás (12, 9), identificada como uma das formas da Besta e da Prostituta (17, 15), representando a Babilônia impura, a grande fornicadora (18, 3). Essa associação da serpente com a mulher destruidora é antiga e remonta a mitos de diferentes civilizações, em que os heróis eram muitas vezes engolidos por monstros-cobra, lembrando a imagem, bastante cultivada pela Idade Média, da *vagina dentata* mencionada acima.

Tratava-se de um assunto urgente para a mentalidade medieval, mas foi, no entanto, no Renascimento, por razões explicadas anteriormente, que a esfinge de Gizé passou a ser considerada um símbolo apreciado da luxúria. Andrea Alciato (1492-1550) já havia interpretado a esfinge como uma figura de prazer, e seu comentarista Minos explicou que, como ela, o prazer é doce e feliz no início, mas amargo e triste depois de experimentado. Esse curto-circuito entre o monstruoso e o sexual conferido no feminino tornou-se uma obsessão religiosa e moral correspondente às escatologias que abordavam o fim dos tempos subjugado pelo apocalíptico demoníaco.

## Bruxas agentes do demoníaco, monstruoso e excrescências

Foi comentado anteriormente neste estudo que havia uma dificuldade no período medieval em distinguir a mulher e, progressivamente, a bruxa do monstro, e o monstro então dos demônios. Essa evolução, que atingiu o seu ápice no final do século XV, está claramente expressa nas teses elaboradas pelo já referido *Malleus maleficarum*. Entre outras razões mais sutilmente construídas, um forte ingrediente misógino responsável pelo endosso da mulher como bruxa foi sua projeção como imagem de uma impureza consumada. Além disso, isso tinha a ver com o monstro, uma imagem de corrupção e desvio da pureza da forma ideal, especialmente quando tais desvios eram realizados por intervenção demoníaca. A estratégia de poluição das mulheres, consumada na imagem da bruxa, teve como resultado óbvio sua condenação à condição de acusada, cujo julgamento ditaria a necessidade não só do expurgo do mal que elas continham, mas também de seu próprio extermínio.

Assim, a feiticeira tornou-se a projeção construída para representar, de forma completa e propícia, a face noturna, o 'continente negro' que Gilbert Lascault (1973) identificava como sexualidade feminina, capaz de, por meio de suas conquistas eróticas, ser uma porta aberta para a formação do monstruoso. As feiticeiras copulavam com demônios, e dessa união com o mundo de baixo e inferior nasciam monstros ctônicos. Essa era a faceta demoníaca da impureza feminina vista nas orgias noturnas do Shabat, em que as perversões paródicas dos atos sexuais revertiam suas condições normais e naturais necessárias à preservação da pureza das espécies, gerando assim seres corrompidos, anormais e monstruosos.

## Impureza feminina, geração de monstros e diabolismo

Na verdade, essa composição imaginária medieval da impureza do corpo e do sangue femininos existia antes e depois de sua derivação para o demoníaco. Quanto à relação da impureza com o monstruoso, Ambroise Paré, valendo-se da autoridade de Ezra e, comentando que o sangue menstrual poderia contaminar as mulheres, recomendava aos homens que não tivessem união carnal com uma mulher em estado de menstruação. Além disso, entendeu-se, seguindo o pronunciamento de Santo Isidoro de Sevilha (1882-1883), que o sangue menstrual – vicioso, sujo e venenoso, capaz até de gerar monstros – descarregava algo imundo e corrupto que existia no corpo e no sangue da mulher antes de sua purgação.

Se a condição de impureza natural da mulher poderia, através de seu sangue menstrual, gerar monstros, as mulheres, como fonte de malignidade, também poderiam se tornar monstros. O exemplo clássico disso é a Quimera. Fulgêncio (séculos V-VI), cujos estudos de mitologia foram, em última análise, a fonte da maioria das interpretações medievais da Quimera, já dizia que o amor despertado pelas mulheres possuía uma força espetacular digna desse monstro. Ele alegorizou essa força brutal do amor com base nas três cabeças do monstro, que representavam as fases do início, desenvolvimento e fim do amor. A natureza leonina da Quimera representava a violência com que o amor podia invadir a alma; a natureza do bode, o apetite insaciável pela luxúria, e a natureza do dragão, o veneno do pecado que o amor-monstro alegórico transmitia às suas vítimas (Lascault, 1973, parte 5). Ecoando esse monstruoso poder fatal da mulher, Eclesiastes, ao lidar com sua luxúria, a identificou como o mais mortífero dos monstros existentes.

No entanto, o pronunciamento definitivo da equivalência da mulher ao monstro, que costumava matar aqueles que encantavam, partiu de *Malleus Maleficarum* por sua força como instrumento inquisitorial legalizado. O manual dizia que a mulher era uma espécie de Quimera. O tratado era tão misógino e depreciativo para sua época que competia com o Eclesiastes e a Igreja em seu lamento sobre as mulheres serem mais amargas que a morte, isto é, que o próprio diabo, cujo nome, de acordo com Apocalipse (8, 8), significa morte. (praga). O livro termina dizendo que os homens foram divinamente preservados da má inclinação para as mulheres, desse flagelo, pois Deus quis nascer e sofrer como homem.

Essa maldição inata das mulheres que as transformava em bruxas no estágio máximo de impureza começou com a responsabilidade atribuída a uma mulher pela introdução do Pecado Original no mundo. Além disso, o companheiro inseparável desse pecado original era outro vício não menos capital que esse pecado inaugural, o vício da luxúria que, em estado de exacerbação, poderia derivar-se à monstruosidade demoníaca nas práticas sexuais anormais. O *Malleus maleficarum* refere-se a isso citando o livro de Provérbios que diz haver no mundo apenas três coisas que nunca tinham o suficiente e quatro que nunca diziam o bastante. As três coisas eram o Sheol (o mundo subterrâneo escuro, que os hebreus acreditavam ser a morada dos mortos), o ventre estéril da terra que nenhuma água saciava e o fogo que nunca era satisfeito. A essas três coisas, o *Malleus maleficarum* acrescentou uma quarta: os lábios vaginais que brincavam com demônios. Assim, as mulheres mais predispostas à feitiçaria eram as mais infectadas pelos apetites carnis, adúlteros e fornicadores). Como resultado, as bruxas teriam maior domínio sobre a genitália, a ponto de tornarem os homens incapazes de copular e as mulheres de conceber.

Esse poder maligno das bruxas sobre a sexualidade era exercido não apenas sobre o ato sexual em si, mas também sobre o ato criativo em geral, pois, ao falhar sexualmente, a prole ficava comprometida. Sobre este assunto, o *Malleus maleficarum*, citando São Tomás de Aquino, comenta que Deus permitiu maiores maldições sobre os atos sexuais porque foi por meio do sexo que o pecado entrou no mundo, tornando o homem escravo do Mal. O livro, dogmatizando esse poder malévol, discute os sete métodos usados pelas bruxas para infectar e corromper magicamente o ato venéreo e o feto concebido. O último método, o de bruxas oferecendo crianças a demônios, revela o caráter demonológico do livro. Os poderes malignos das bruxas sobre os homens se estenderam a toda a natureza, causando diversos danos aos animais e aos frutos da terra.

As feitiçarias tinham domínio sobre a prole e a natureza humanas, comprometendo a continuidade da vida ou possibilitando o surgimento de vidas monstruosas por meio de seus danos demoníacos. Eles consagravam os recém-nascidos a demônios ou os matavam, antes do batismo, para fazer unguentos, com os quais ungiam suas vassouras ou algo semelhante para se transportarem para o Shabat ou de um lugar para outro. Essa imagem demoníaca não era, no entanto, uma concepção mental gratuita. Tinha um corolário ligado ao antijudaísmo na recusa do mistério da Eucaristia, em que a transubstanciação configurava também a presença do menino Jesus na hóstia consagrada. Isso foi demonstrado em inúmeras narrativas que tocaram no assunto, apresentando o Deus infantil aparecendo aterrorizado, em lágrimas, na hóstia torturada (Cohn, 1962). Esse conluio do judeu com a bruxa e o diabo era uma presença muito vista nas idiossincrasias religiosas medievais (Raphaël, 1972).

## Conclusão

Finalmente, todos os modos e formas desse legado de malefícios conferidos nas mulheres no pensamento e cultura medievais não aconteceram simplesmente despreparados. Foi, sobretudo, fruto de um longo processo de construção social e histórica de uma prática de difamação discursiva e factual que, revelando suas raízes na Antiguidade Clássica e na antiga tradição judaica, caracterizou os modelos de misoginia medieval cristã.

Desse modo, para as configurações da mulher como malefício, desde a contribuição dos primeiros Padres da Igreja até a disseminação de seu legado por toda a história e literatura religiosa e secular da Idade Média, torna-se fato real a valer do simbólico e do imaginário.

## Referências

- Aristotle. (1943). *Generation of animals* (A. L. Peck, Trad.). London, UK: Heinemann; Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Beauvoir, S. (2009). *The second sex* (C. Bord & M. A. Lovan, Trad.). New York, NY: Vintage Books, Random House Inc.
- Bloch, R. H. (1995). *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental* (C. Moraes, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.
- Brant, S. (1913). *Das Narrenchif*. In F. Schulz. *Faksimile der Erstaussgabe von 1494*. BNUS alsatiques, m. 135087. Estrasburg, FR: Karl J. Trübner.
- Cohn, N. (1962). *Les fanatiques de l'Apocalypse*. Paris, FR: Julliard.
- Durand, G. (1969). *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris, FR: Bordas.
- Eliade, M. (1969). *Initiations, rites, sociétés secrètes*. Paris, FR: Gallimard.
- Holy Bible. (1892). (Vulgata Latina, Trad.). Belfast.
- Kaplan, C. (1986). *Sea changes: culture and feminism*. London, UK: Verso.
- Kramer, H., & Sprenger, J. (1973). *Malleus maleficarum: le marteau des sorcières* (A. Danet, Trad.). Paris, FR: Plon.
- Labé, L. (1995). *Amor e loucura* (F. Fortuna, Trad.). São Paulo, SP: Siciliano.
- Lascault, G. (1973). *Le monstre dans l'art occidental*. Paris, FR: Klincksieck.
- Latini, B. (1951). *Jeux et sapiences du moyen âge* (A. Pauphilet, Ed.). Paris, FR: Gallimard.
- Mackinnon, C. (1987). *Feminism Unmodified*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Mandeville, J. (1953). *Mandeville's travels*. (M. Leets, Ed.). London, UK: Hakluyt Society.
- Paré, A. (1971). *Des monstres et prodiges* (J. Céard, Ed.). Geneva, CH: Droz.
- Polo, M. (1824). *Livre des Merveilles*. In *Recueil de voyages et de mémoires publié par la société de géographie* (Vol. I). Paris, FR: Société de Géographie.
- Pordenone, O. (1891). *Les voyages en Asie au XIVe siècle du Bienheureux Frère Odoric de Pordenone* (H. Cordier, Intro.). Paris, FR: Ernest Leroux.
- Raphaël, F. (1972). La représentation des juifs dans l'art Médiéval en Alsace. *Revue des Sciences Sociales de la France de l'Esaint Strasbourg*, 1, 26-42. Recuperado de [https://www.persee.fr/doc/revss\\_0336-1578\\_1972\\_num\\_1\\_1\\_865](https://www.persee.fr/doc/revss_0336-1578_1972_num_1_1_865)
- Rogers, K. M. (1966). *The troublesome helpmate: a history of misogyny in literature*. Seattle, WA: University of Washington Press.
- Said, E. W. (1979). *Orientalism*. New York, NY: Randon House, Inc.
- Sale, A. (1935-1945). La salade, version B. In A. Sale. *Ouevres completes* (Vol. 1, F. Desonay, Ed.). Paris, FR: Librairie Droz.
- Sevilha, I. (1982-1983). *Etimologías* (Vol. 2., J. O. Reta & M. A. M. Casquero, Trad.). Madrid, ES: B.A.C.
- Varazze, J. (1926). Sermo III de stigmatibus s. Francisci. In J. Lemmens. *Testimonia minora saeculi XIII de S. Francisco Assisiensi collecta*. Ad Claras Aquas: Collegium S. Bonaventurae.
- Walker, B. G. (1988). *The Woman dictionary of symbols & sacred objects*. San Francisco, CA: Harper & Row Publishers.
- White, T. H. (1984). *The book of beasts: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century* (T. H. White, Trad., Ed.). New York, NY: Dover Publications.